

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

378. CENTENÁRIO DE UM ESCRITOR PAULISTANO

A Academia Campinense de Letras parece ter sido a primeira entidade cultural a comemorar o centenário de Antônio de Alcântara Machado com uma palestra do acadêmico Mário Pires, na primeira reunião ordinária do corrente ano, ainda em março, antecipando, pois, de dois meses a significativa efeméride que transcorreu a 25 de maio. Na semana seguinte à da reunião campineira, a Academia Paulista de Letras, por proposta da acadêmica Lígia Fagundes Teles, designou comissão constituída de expressivas figuras do sodalício para promover o que for necessário ou possível para a comemoração que homenageará uma das mais significativas figuras da história literária mais paulistana que paulista, pois a cidade de São Paulo foi o centro e o objetivo principal de tudo quanto escreveu.

Filho do jurista e historiador Alcântara Machado (1875 - 1941), que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, era, tal como dizia seu pai, “paulista de quatrocentos anos”, pois descendia de velhos troncos que remontavam ao século XVI. Era neto de Brasílio Machado e bisneto do Brigadeiro Machado de Oliveira, grandes figuras paulistas. Infelizmente teve vida curta, pouco passando dos trinta anos, pois faleceu no Rio de Janeiro aos 14 de abril de 1935.

Teve papel saliente no movimento modernista na década de 20 do século passado, não só pelos livros que publicou, como pela colaboração nas revistas surgidas ao ensejo do movimento: “Terra Roxa e outras terras”, “Revista de Antropologia” e “Revista Nova”.

Com seus dois livros mais conhecidos, **Brás, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China** e pelos avulsos incluídos no livro póstumo **Cavaquinho e Saxofone**, tornou-se, no dizer de Afrânio Coutinho, o “cronista da cidade de São Paulo, através de uma ficção urbana, simples, que retrata a classe média baixa e sua vida humilde”.

Agripino Grieco não o deixou por menos: “Respirava a alma de São Paulo com a deliciosa garoa que envolve as colinas e as torres, e a utilização do material humano que recolheu pela cidade foi feita sempre com amor”. Escrevesse alguns anos mais tarde, o terrível crítico do Rio de Janeiro só não mencionaria a garoa, pois esta desapareceu...

Excelente fonte para o conhecimento de sua obra, o leitor interessado poderá encontrar no precioso suplemento literário “Autores e Livros”, do jornal “A Manhã”, do Rio de Janeiro, dirigido por Múcio Leão, vol. IV, nº 16, do dia 16 de maio de 1943.

Aspecto significativo de sua obra, e que nem sempre é lembrado, é a sua contribuição à historiografia brasileira, com excelentes estudos sobre Anchieta, um deles merecendo prêmio da Sociedade Capistrano de Abreu, e outros figurando como pós-fácio a uma valiosa publicação anchietana editada pela Academia Brasileira de Letras em 1933 e na qual - informa Afrânio Peixoto, organizador da publicação - mais de setecentas notas são de sua autoria, além da monografia especializada que encerra o volume. Sobre essa sua contribuição à historiografia pretendemos escrever oportunamente. (26-5-2.001)

*

379-EM MEMÓRIA DE UM HISTORIADOR “PAULISTANO”

Ao tomar conhecimento da infausta notícia do falecimento, no início de abril, de Richard Morse, duas coisas passaram pela nossa mente,

como primeira atitude em face do ocorrido: reler algumas páginas de seu precioso livro sobre a formação histórica da metrópole paulistana ou ler a entrevista que o já saudoso brasilianista concedeu ao Professor José Carlos Sebe Bom Meihy no dia 18 de janeiro de 1.989, em sua casa em Washington e incluída no excelente livro **A Colônia Brasilianista**. Optamos por esta última, mesmo por um problema de “brevidade temporal”. Entrevista longa, mais de vinte páginas, em que só ele falou. O entrevistador teve a sabedoria de deixá-lo falar, o que raramente acontece. E o que falou é de uma sensatez excepcional, dele não se podendo desprezar uma linha, um conceito, um ponto-de-vista ou qualquer outra modalidade que possa definir o caráter do entrevistado.

Não tivemos o privilégio de conhecer pessoalmente o professor Morse, embora vivêssemos também em São Paulo na mesma época. Circunstância... Mas conhecemos muito bem quase todas as pessoas que ele menciona e que marcaram o seu relacionamento nos anos que passou em São Paulo. Aliás, Morse viveu na capital paulista numa época numa época muito feliz culturalmente falando, assistindo - e até participando - de atividades de uma geração inteligente, culta, ciosa de seus deveres intelectuais, honesta, sem modismo ou preocupações pessoais, integrante dos melhores ambientes paulistanos.

Pela entrevista percebeu-se o quanto o Professor Morse beneficiou-se da companhia de um Lourival Gomes Machado, um Florestan Fernandes, um Décio de Almeida Prado, um Cruz Costa, um Sérgio Buarque de Holanda, um Antônio Cândido, este, para alegria nossa, o único sobrevivente desse glorioso grupo que Morse considerava “personagens paradigmáticos, até parecendo homens do Renascimento, com aquela cultura humanística e com visão aberta do saber”. E um tanto desolado, pergunta: “Onde encontrar gente como eles hoje em dia?”

Quando chegamos a afirmar que devemos a Morse o melhor livro que já se escreveu sobre a história da cidade de São Paulo, isto não implica, é claro, em menosprezo para tudo quanto já se publicou sobre o assunto, pois o seu livro não exclui os demais (nem teria ele essa intenção), mas apresenta uma visão nova ao interpretar a evolução da metrópole paulistana. Essa “visão nova” foi bem notada pela Professora Maria Sylvia de Carvalho Franco nas orelhas das capas da segunda edição; só que, o que ela escreveu não deveria estar nesse lugar, quase sempre

desprezado pelos leitores, mas no próprio volume, diríamos até à guisa de prefácio.

É o caso de dizer-se que Morse “viu” coisas que outros pesquisadores não viram, ou viram, mas não lhes deram importância. E ele, com a sabedoria de um grande pesquisador, leu praticamente tudo o que pôde encontrar sobre o assunto, como o demonstra a extensa bibliografia que arrolou no fim do volume, e na qual até nosso modesto nome vem incluído... Grande sabedoria demonstrou em não se limitar, nas suas pesquisas, aos arquivos e aos documentos históricos. Soube utilizar devidamente o arquivo “humano”, tirando todo o proveito do relacionamento com homens de letras da mais variada natureza.

Seu livro, originalmente, foi publicado pela comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo, ao que ele próprio diz, por influência de Guilherme de Almeida, na época secretário da Comissão do importante evento e que havia se tornado a muito seu amigo.

Pelo que se percebe da nota inicial da segunda edição, parece que o autor não se agradou muito da edição “do Centenário”, que, dá ele a entender, nem sequer chegou a ser distribuída como devia. Isso, aliás, é freqüente, como bem o sabemos, com publicações oficiais. A segunda edição, de 1970, para a qual foram feitos alguns poucos acréscimos, já não é encontrável, mesmo porque a própria editora nem mais existe. Não seria o caso de alguma outra interessar-se por uma nova edição? Livro como o de Richard Morse não é para ficar “desaparecido...” (2-6-2001).

*

380-EXEMPLOS DE PIONEIRISMO

Minas Gerais apresentou-nos, no século XIX, dois expressivos exemplos de pioneirismo no desenvolvimento da civilização material em nosso país: Mariano Procópio (1821-1872) e Bernardo Mascarenhas (1847-1889). Nascidos, um em Barbacena, outro em Curvelo, foi, entretanto, em Juíz de Fora que ambos se realizaram integralmente, razão pela qual a cidade os evoca com muito carinho, colocando-os entre os maiores vultos de sua história.

A Mariano Procópio deve-se o pioneirismo na imigração alemã e no transporte rodoviário; a Bernardo Mascarenhas, na indústria têxtil e na eletricidade. De fato, deve-se a ele a construção, em 1889, da primeira usina hidrelétrica da América do Sul, a qual, embora obviamente desativada, constitui um atrativo para visitas na cidade. Por outro lado, o belo edifício de sua “Companhia Têxtil”, bem no centro da cidade (na antiga avenida 15 de novembro, batizada posteriormente de Getúlio Vargas), transformou-se num belíssimo espaço cultural, do qual também se orgulha a cidade.

Quanto a Mariano Procópio, seu solar, situado no bairro que tem o seu nome, transformou-se num dos mais belos e ricos museus de arte do Brasil, realmente visita obrigatória para quem esteja na cidade. O seu pioneirismo rodoviário teve realização na construção da “União e Indústria”, estrada pioneira no rodoviarismo brasileiro, ligando Petrópolis a Juiz de Fora, levada a efeito entre 1.856 e 1.857. Dela já nos ocupamos em diversos dos nossos trabalhos sobre vias de comunicação.

Trata-se, com efeito, do mais notável empreendimento rodoviário do século XIX, seja pelas condições de traçado da estrada e pelo seu acabamento, como pela sua importância econômica no período que precedeu as ferrovias. Com seu leito macadamizado - processo que era novidade na própria Europa - com suas pontes metálicas, suas estações de muda, com sua linha regular de diligências, talvez a única do Brasil, tão regular que justificou a publicação de um “Guia de Viagem” (espécie de “Quatro Rodas” daquela época), que constitui precioso documento, único mesmo na história dos transportes em nosso país.

Temos depoimentos de diversos viajantes estrangeiros que por ela viajaram. Entre eles, o de Agassiz e o de Liais, que não se cansaram em tecer elogios ao grande empreendimento, que nunca tinham visto igual. Agassiz era suíço, mas residia nos Estados Unidos e, conforme seu depoimento, nem no grande país do norte havia na época algo semelhante. “Essa estrada é celebre - frase dele - tanto pela sua beleza, como pela sua perfeita execução... e não faz inveja a qualquer outra do mundo”.

Todavia não foi dos mais felizes o fim da importante empresa. O alto custo da estrada, a amortização demorada dos capitais levantados em Londres e no Rio de Janeiro e a penetração ferroviária pelo vale do Paraíba arrecadando-lhe as mercadorias num transporte direto para a Corte, foram os motivos de sua encampação pelo governo imperial; e,

finalmente, a Companhia União e Indústria se viu obrigada a transferir para a ferrovia todo o seu transporte de carga. Era a época ferroviária que havia chegado...

Tivemos oportunidade de conhecer ainda algumas das “estações de muda” da velha rodovia, transformadas quase todas em postos de gasolina ou em pequenos pontos de pernoite e restaurantes. E conhecemos também umas das diligências que faziam o serviço regular na rodovia, de nome “Mazeppa”, por muito tempo bem conservada no Museu Imperial de Petrópolis. Hoje, não sabemos onde estará. Esperamos que em algum outro museu (30-6-2001)

*

381 - TÃO SÁBIO QUANTO MODESTO

A expressão que utilizamos para titular esta nota foi a que nos pareceu mais adequada para caracterizar a figura inesquecível de Martin Braunwieser, músico austro-brasileiro que em nosso país viveu de 1928 a 1991, portanto mais de sessenta anos, contribuindo enormemente para o desenvolvimento musical não só da cidade de São Paulo, onde viveu, mas do próprio país, pelos seus trabalhos no campo do folclore musical, uma de suas preferências.

Uma nota de recente número da revista “Concerto”, da capital paulista, recorda-nos que no mês de junho último, transcorreu o seu centenário. Natural de Salzburgo, a mesma terra de Mozart, Braunwieser, após sua formação, viveu cinco anos na Grécia, como professor do conservatório de Atenas, e na capital grega, consorciou-se com dona Tatiana, também musicista, natural da Rússia, mas vivendo também em Atenas.

Em São Paulo Braunwieser começou a vida como flautista da orquestra do antigo Cine Paramount (estávamos ainda no tempo do cinema mudo, quando havia orquestra para acompanhar os filmes). Pouco depois, tornou-se conhecido como regente de coros em sociedades alemãs (qual a sociedade alemã que não tem um conjunto coral?), passando,

depois, a lecionar no Conservatório Dramático, onde conheceu Mário de Andrade, que o levou para o Departamento de Cultura então criado pela municipalidade paulistana, ao tempo da grande administração de Fábio Prado.

A grande obra de Braunwieser como pesquisador de folclore e como diretor do ensino musical nos parques infantis da Prefeitura (então uma novidade em São Paulo) e sua dedicação, juntamente com dona Tatiana, criando e dirigindo a “Sociedade de Bach”, são páginas que não poderão ser omitidas quando se fizer uma história da vida artística e musical de São Paulo.

Quem viveu na capital paulista certamente se recorda dos magníficos concertos que a Sociedade promovia mensalmente no auditório da Faculdade “Sedes Sapientiae”, à rua Marquês do Paranaguá, para a divulgação, em São Paulo, do imenso repertório bachiano. Uma sua filha, Renata, seguindo a tradição musical dos pais, tornou-se excelente instrumentista e também regente.

Tivemos com o casal Braunwieser excelente relacionamento nos tempos saudosos em que também nos dedicávamos a atividades musicais. Tivemos, inclusive, o privilégio de substituir dona Tatiana na presidência da Sociedade Bach.

Pela sua dedicação ao Brasil - lembra a nota da revista “Concerto”- Braunwieser foi seguramente um dos músicos que mais contribuíram para o enriquecimento do meio musical brasileiro no século XX. E de maneira “tão sábia quanto modesta”, como afirmamos ao titular esta nota.

Com o avançar dos anos, o casal Braunwieser transferiu suas atividades para a filha e passou a viver calma e modestamente num sítio no litoral sul de São Paulo. (7-7-2.001)